
CONHECIMENTO INCORPORADO E/OU COMPROMISSO SOCIAL? O PROTAGONISMO QUILOMBOLA FRENTE À GRANDE ENCHENTE EM PORTO ALEGRE

EMBODIED KNOWLEDGE AND/OR SOCIAL COMMITMENT? THE QUILOMBOLA PROTAGONISM IN THE FACE OF THE GREAT FLOOD IN PORTO ALEGRE

¿CONOCIMIENTO ENCARNADO Y/O COMPROMISO SOCIAL? EL PROTAGONISMO QUILOMBOLA ANTE LA GRAN INUNDACIÓN DE PORTO ALEGRE

Cássio Henrique Silva da Silva¹

<https://doi.org/10.5935/2358-3541.2024152407-pt>

Resumo

Neste trabalho, busco refletir sobre a cooperação entre comunidades quilombolas de Porto Alegre durante a grande enchente de 2024, vislumbro a historicidade negra da cidade quando a Ilhota localizada na Colônia Africana dessa mesma cidade também foi fortemente atingida na grande enchente de 1941. Com entusiasmo, objetivo compartilhar a visão de que o protagonismo negro desde as travessias atlânticas, passando pela luta em busca de liberdade e autonomia territorial nas colônias e o pólo de apoio do Quilombo dos Machado no Bairro Sarandi em 2024 provocando a cooperação com outros quilombos e parcerias voluntárias do Brasil afora elucidou estratégias de superação histórica do povo negro frente ao racismo estrutural/institucional. Esse é um tema que pulsa minha trajetória acadêmica. Portanto, considero fundamental cruzar fatos históricos em comparação com depoimentos de interlocutores quilombolas na atualidade, como a opressão da Força de Segurança Nacional durante a enchente de 2024 frente aos quilombolas, a cooperação autônoma e coletiva para segurança e acolhimento das famílias atingidas nos territórios, etc. Enfim, narrativas que evidenciam saberes e práticas quilombolas na luta por emancipação coletiva e antirracista através dos tempos. Inspirado em Nilma Lino Gomes (2019) e outros intelectuais antirracistas, vislumbro uma atualização de estratégias de fuga e sobrevivência negra como nos tempos do período escravista onde a astúcia sobre as águas atingiu triunfos coletivos, “saberes construídos nas lutas por emancipação” (Gomes, 2019).

Palavras-chave: Comunidades Quilombolas, Enchentes, Luta por emancipação

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (UFRGS). E-mail: cassiohenrique0603@gmail.com

Abstract

In this work, I seek to reflect on the cooperation between Quilombola communities in Porto Alegre during the great flood of 2024. I envision the city's Black history, particularly when Ilhota, located in the African Colony of that same city, was also severely affected by the great flood of 1941. With enthusiasm, I aim to share the vision that Black protagonism, from the Atlantic crossings, through the struggle for freedom and territorial autonomy in the colonies, and the support center of the Quilombo dos Machado in the Sarandi neighborhood in 2024, fostering cooperation with other Quilombos and voluntary partnerships throughout Brazil, elucidated historical strategies of overcoming structural/institutional racism by Black people. This is a theme that pulsates throughout my academic trajectory. Therefore, I consider it fundamental to cross-reference historical facts with testimonies from quilombola interlocutors in the present day, such as the oppression of the National Security Force against quilombola people during the 2024 flood, the autonomous and collective cooperation for the safety and support of affected families in the territories, etc. In short, narratives that highlight quilombola knowledge and practices in the struggle for collective and anti-racist emancipation throughout the ages. Inspired by Nilma Lino Gomes (2019) and other anti-racist intellectuals, I envision an update of Black escape and survival strategies, as in the times of the slavery period, where cunning on the waters achieved collective triumphs, "knowledge built in the struggles for emancipation" (Gomes, 2019).

Keywords: Quilombola Communities, Floods, Struggle for Emancipation.

Resumen

En este trabajo, busco reflexionar sobre la cooperación entre las comunidades quilombolas de Porto Alegre durante la gran inundación de 2024. Visualizo la historia negra de la ciudad, en particular cuando Ilhota, ubicada en la Colonia Africana de esa misma ciudad, también se vio gravemente afectada por la gran inundación de 1941. Con entusiasmo, pretendo compartir la visión de que el protagonismo negro, desde las travesías del Atlántico, pasando por la lucha por la libertad y la autonomía territorial en las colonias, y el centro de apoyo del Quilombo dos Machado en el barrio de Sarandi en 2024, fomentando la cooperación con otros quilombos y las alianzas voluntarias en todo Brasil, dilucidó estrategias históricas de superación del racismo estructural/institucional por parte de la población negra. Este es un tema que late a lo largo de mi trayectoria académica. Por lo tanto, considero fundamental cruzar hechos históricos con testimonios de interlocutores quilombolas en la actualidad, como la opresión de la Fuerza Nacional de Seguridad contra el pueblo quilombola durante la inundación de 2024, la cooperación autónoma y colectiva para la seguridad y el apoyo de las familias afectadas en los territorios, etc. En resumen, narrativas que resaltan los conocimientos y prácticas quilombolas en la lucha por la emancipación colectiva y antirracista a lo largo de los siglos. Inspirada por Nilma Lino Gomes (2019) y otros intelectuales antirracistas, visualizo una actualización de

las estrategias de escape y supervivencia de la población negra, como en la época de la esclavitud, donde la astucia en las aguas logró triunfos colectivos, «conocimientos contruidos en las luchas por la emancipación» (Gomes, 2019).

Palabras Clave: Comunidades quilombolas, inundaciones, lucha por la emancipación.

INTRODUÇÃO

Através de um planejamento coletivo, junto a colegas do NACi (Núcleo de Antropologia e Cidadania) do PPGAS/UFRGS realizamos um evento no segundo semestre de 2024 intitulado: "Seminário Povos tradicionais de Porto Alegre: estratégias de cooperação entre os territórios durante as enchentes de maio/24 . Evento esse impulsionado pelo fato histórico de idêntico impacto ocorrido em 1941 e que também atingiu drasticamente o território da Colônia Africana de Porto Alegre nas proximidades da Ilhota e do Areal da Baronesa (Santos, 2010).

Contamos com a presença do Sr. Alexandre Ribeiro, presidente da Associação do Quilombo do Areal/PoA; de Luís Rogério Machado (Jamaika), líder do Quilombo dos Machado; Mariani (representando a Mãe Patty de Oxum do Quilombo de Ouro/PoA) e o Antropólogo Dr Iosvaldyr Bittencourt Júnior (Egresso do PPGAS e integrante do IACOREQ/RS). Referente a esse trabalho pretendo me deter às contribuições de Jamaika e Mariani se tratando de duas comunidades que me acompanham em parceria de pesquisa no meu processo formativo para doutoramento em antropologia social.



Jamaika e Mariani no Seminário Povos tradicionais de Porto Alegre: estratégias de cooperação entre os territórios durante as enchentes de maio/24
Foto Acervo NACi

Luiz Rogério Machado (Jamaika) discorre apresentando o Quilombo da Família Machado como o quinto Quilombo Urbano com registro na Fundação Palmares e, de forma enfática afirma: “não só na pandemia, mas também agora nesse maio, nessa desgraça de maio foi um grande exemplo da sobrevivência da Grande Sarandi onde mais de 24 mil famílias foram brutalmente afetadas com a própria enchente”. Presenciei juntamente com Jamaika vestígios pós enchente onde locais como: a Vila Brasília, foi 10,75m, Jamaika revela que esteve dentro d’água.



Jamaika mostrando a altura que a água atingiu

Foto: Cássio Henrique Silva da Silva

Jamaika falou sobre a superação através da coletividade quilombola: “É o negro enquanto maioria, é o indígena, é o branco que foi oprimido. Esse que é o verdadeiro quilombo na verdade. (Depoimento de Jamaika no seminário)

Autoridades do Batuque que consultaram búzios afirmaram que, ali no quilombo, não haveria alagamento. O Quilombo dos Machado seria o pólo de atendimento, de ajuda à comunidade e ao entorno do Bairro Sarandi. Durante uma manhã fria, porém ensolarada, Jamaika e eu saímos para dar uma caminhada e ver os resquícios da enchente. Passamos por uma das entradas para o quilombo e jamaika contou: *A polícia veio aqui oprimir a gente. O cara apontou a arma na minha cara eu disse quem eu era e ele disse que sabia quem eu era. Então pra que a pontar a arma? Ele disse: é o meu trabalho, eu respondi: é a minha vida.*



Jamaika caminhando em meio às ruas tomadas pelo lixo 34 dias após o início da enchente
Foto: Cássio Henrique Silva da Silva

“Aí depois eu fui entender que se a gente não tivesse feito aquela questão ali de sobrevivência naquele ponto ali muita gente do Sarandi que não queria ir para os abrigos que os abrigos era a maior pressão principalmente da Brigada Militar”, diz Jamaika.



Ruas do bairro Sarandi ainda alagadas 34 dias após o início da enchente
Foto: Cássio Henrique Silva da Silva

Mariani do Quilombo Ouro apresentou-se realizando um agradecimento especial para Mãe Patty, quem a iniciou no Batuque, “minha Iyalorixá, essa pessoa

que faz todo o trabalho dentro do Quilombo da Família de Ouro”. O trabalho do Quilombo Ouro na enchente se estendeu a uma cooperativa habitacional de moradia popular onde Mari reside. Mãe Patty a procurou e disse: “Mari a gente precisa realocar umas pessoas por que as pessoas perderam tudo e eu não tenho onde botar essas pessoas”. Mari respondeu: “vamos lá, bora”! Abriu o galpão imenso onde mora, e realocaram as pessoas pra lá. Ela perguntou: Mari, o que a gente vai fazer? Mari se sentiu sem reação perante a situação, no entanto, incentivou, A gente é quilombola e preto. Não importa se é quilombola, se é branco, se é preto, se é pardo, a gente ajudará igual. Fizeram recreação, escolinha e aulas de dança. Todas as doações que chegaram foram divididas com todo mundo. Receberam muitas doações e distribuíram para muitas pessoas. “No nosso quilombo a gente ajuda muitas pessoas com uma palavra amiga, com um atendimento espiritual”, disse Mari.

Vivendo minha finalização de doutorado, aproveito a oportunidade para revelar aqui minha profunda gratidão pela realização desse evento com a turma do NACi, um núcleo de pesquisa que completou 30 anos de existência em 2025. Foi muito auspicioso o seminário e, a partir dele, o NACi planejou visitas e caminhadas pelo Quilombo dos Machado e à comunidade do Sarandi. Visitas ao Colégio Liberato Salzano e as confluências com os saberes “não-formais” do Quilombo dos Machado em mesmo território. Visitamos a Ilha dos Marinheiros /PoA e também ouvimos relatos impactantes sobre o futuro da comunidade ribeirinha após a enchente.

LIÇÕES DA ENCHENTE DE MAIO DE 2024

Na terça-feira (07.05.2024) pela manhã, eu estava no município de Cachoeirinha/RS em uma imersão que durava 5 dias. O isolamento nesses dias de chuva intensa e constante falta de água e luz, me causava certa ansiedade e vontade de voltar para casa. O percurso que normalmente fazia de *uber* partindo de minha casa na zona norte de Porto Alegre até o Parque da Matriz e vice-versa tinha duração de aproximadamente 20 minutos. Nesse retorno do dia sete, o percurso foi outro, assim como o universo ao meu entorno.

O tráfego estava conturbado e lento. O dispositivo GPS do carro nos direcionava para ruas estreitas de bairros do município de Gravataí/RS. Estávamos atrás de caminhões, ambulâncias e até carroças. Equipes de salvamento da

segurança pública acionando sirenes obrigavam os demais veículos a manobrar por cima das calçadas. Parte da vizinhança assistia tudo pela janela tomando chimarrão. Um pequeno grupo de senhoras filmava a tranqueira e comentava com seus celulares.

Nesse momento, avistei um galo garnizé que estava empoleirado no portão alçar voo para o pátio vizinho. Uma das integrantes do grupo de vizinhas corre aos prantos para o portão do pátio vizinho clamando por socorro ao garnizé, porém, aparentava não haver ninguém em casa, ou melhor, só apareceu um cachorro bravo com latidos que borrifavam água e aparência faminta de quem desejava variar o cardápio de rações baratas doadas pela solidariedade narcísica com filtro de foto e inteligência artificial que só intencionava fazer a *self* e ganhar *likes* no *instagram*. Lembrei de Goffman em 1967, RITUAL DE INTERAÇÃO - Ensaio sobre o comportamento face a face:

Podemos dizer que uma pessoa tem, está com ou mantém a fachada quando a linha que ela efetivamente assume apresenta uma imagem dela que é internamente consistente, que é apoiada por juízos e evidências comunicadas por outros participantes, e que é confirmada por evidências comunicadas por agências impessoais na situação. Em tais momentos, a fachada da pessoa claramente é algo que não está alojado dentro ou sobre seu corpo, mas sim algo localizado difusamente no fluxo de eventos no encontro, e que se torna manifesto apenas quando esses eventos são lidos e interpretados para alcançarmos as avaliações expressas neles. (Goffman, 1967, p.15)

Nesse exato momento o trânsito fluíu alguns metros e não consegui testemunhar mais uma tragédia do cotidiano. Lentamente chegamos na BR-290 e o encontro de carreatas me desanimou ainda mais. Avistei o depósito de uma rede de farmácias que tem um *mega* estacionamento. Caminhões chegavam de diferentes direções e descarregavam produtos diversos, o que retardava o fluxo. Constatamos, com a ajuda do noticioso radiofônico, que a CEASA estava de mudança para esse local já que, no bairro Anchieta em Porto Alegre, fora completamente inundada com a enchente. Nas proximidades do Sesi na Assis Brasil e indo em direção ao Porto Seco, avistei alguns veículos submersos na água. Meu bairro fica em uma parte alta da zona norte e estávamos livres da enchente. Ao mesmo tempo, percebi após 4 horas de viagem que, de certo modo, a enchente nos atingiu.

O tempo não dá trégua pra ninguém. Curador de eventos críticos, o tempo é pai da natureza e do ser humano e, por ordem do pai, a irmã mais velha castiga o

caçula intempestivo.

Nessa crise climática e humanitária, foi comovente o contraponto por mim vivenciado e compartilhado pelo mundo afora. Trata-se da solidariedade quilombola, que está sempre ali, transgredindo com ginga, mandinga e alquimia, subvertendo o mau tempo. Apoiando-me na palavras do ilustre professor Kabengelê Munanga em seu artigo *Origem e histórico do quilombo na África*

[...] o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma outra estrutura política na qual se encontraram todos os oprimidos. Escravizados, revoltados, organizaram-se para fugir das senzalas e das plantações e ocuparam partes de territórios brasileiros não-povoados, geralmente de acesso difícil. Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos de inicação à resistência, campos esses abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar (Munanga, 95/96, p.63)

As inquietações surgidas através de devaneios ocorridos no *uber* me conduziam à procura de um alento, as palavras de um mestre. Foi quando tive a oportunidade de encontrar Mestre Cica de Oyó no Campus Centro da UFRGS e revelei minha ânsia em compartilhar o episódio do galo naquele contexto de calamidade que atravessamos. Volta e meia eu pensava: que desfecho teria transcorrido naquele canto do mundo?

Mestre Cica é autor do livro “O batuque da nação de Òyó no Rio Grande do Sul” (2020), um livro que demonstra, entre outras riquezas, o poder da tradição ancestral e a oralidade como uma autoridade relativa a costumes ancestrais e preservação que se fragiliza com o advento da escrita.

Então, com boa vontade disse que me passaria suas impressões. Porém, naquele momento estava em compromisso. Então combinou de me enviar por mensagens de áudio via whatsapp e, assim me disse:

Pra tradição do Batuque de Oyó o galo tem importância fundamental a

princípio pra nós a abertura de tudo pra nós é sobre Exú. Olodê conhecido como Exú Olodê conhecido pra Nação de Oyó. A numerologia do Orixá. A gente tira as penas. Orixá Obara para Exu Olodê e para o povo de Oyó é 7 o número dele do Orixá. E as penas do galo são 7.

Considero importante citar o antropólogo Vitor Queiroz em seu artigo “Na rua, o meio do redemoinho: das mediações de Exu no espaço público à ação político-ritual em dois contextos afro-religiosos” sendo,

Todo despacho deixado numa esquina é capaz de unir certos estados dispersos das coisas para a consecução de um propósito. Na verdade, mesmo esse rito elementar, que consiste na doação de alimentos provenientes de um sacrifício, indica a importância e a necessidade da mediação entre domínios incomensuráveis (dos animais, deuses e seres humanos) que é a base de tais religiões. (Queiroz, 2022, p.146)

Comentei com Mestre Cica que foi no dia 7 de maio. Ele responde: *olha só, 7. Tudo tem sentido!*

Ainda hoje me toca profundamente essa cena que me remete a uma leitura e outra, uma música e outra, um filme e outro, e assim, o cachorro e o galo são símbolos marcados em minha memória dos dias de calamidade que atingiram Porto Alegre. Maria Elvira Díaz-Benítez citando Claude McKay, “If We Must Die” em “Vidas negras: pensamento radical e pretitude, 2021, p. 8”, me tele-transportou quando deparei-me com

“Se tivermos que morrer, que não seja como porcos
Caçados e encurralados em sítio glorioso,
Enquanto ao nosso redor latem os cães loucos e famintos
Zombando de nosso destino amaldiçoado
Se devemos morrer, que façamos nobremente
Para que nosso sangue precioso não seja derramado em vão...”
(Claude McKay, “If We Must Die”)

Nesse mesmo dia, no turno da tarde, resolvi dar uma caminhada até o Quilombo dos Machado. Esse quilombo é um território remanescente situado no Bairro Sarandi, Zona Norte de Porto Alegre. Percorri pela Av. Sertório levando algumas roupas e desviando de gigantescas poças d’água. Não fiz o percurso habitual por que algumas ruas entrecruzadas com a Sertório e Assis Brasil estavam muito alagadas. Ao me aproximar do quilombo, avistei grande movimento de pessoas e caminhões descarregando galões de 20 litros de água e marmitas que eram distribuídas de forma organizada para muitas pessoas comunidade.

Mutirões na tarefa de reconstruir telhados, cercas e demais ajustes nas

casas. Havia espaços diferentes no território onde eram entregues diferentes tipos de doação: roupas, colchões, alimentos, etc. As mulheres recebiam e organizavam as doações de roupas e distribuição de alimentos em tendas espalhadas pelo centro do território. Os homens carregavam móveis, butijões de gás e materiais de construção e mão-de-obra nos mutirões para reformas das casa atingidas pela água. Encontrei o Caçapa, meu parceiro de pesquisa e de capoeira. Estava no topo de uma escada martelando a parte superior de uma casa. Conversamos rapidamente e ele me convidou para assarmos um galeto em sua casa no final de semana e colocar a conversa em dia. Nesse momento pensei nas diferentes percepções de solidariedade e seus desdobramentos.

Testemunhando a luta quilombola, ao escurecer do dia, em um movimento intenso para aliviar o sofrimento das pessoas afetadas, ao invés a solidariedade narcísica, que me causava nojo ao ver pessoas abastadas doando rações, roupas, cestas-básicas, etc. e, ao mesmo tempo, tirando foto com as pessoas que perderam tudo na enchente e se encontravam em abrigos e emocionalmente vulneráveis perante uma tragédia. Acredito que os dispositivos de mídia e a velocidade e alcance da internet acabam potencializando a invisibilidade do protagonismo negro. Como afirma Lélia Gonzalez em uma conversa com Lia Schucman

[...] Esse sistema, entendo eu, opera como uma fábrica de produção que replica dominadores e dominados. Esse sistema instaura a vivência da branquitude como um sistema que opera como um “clube privê” e as pessoas brancas são todas elas beneficiadas desse sistema, dessa máquina de reprodução de desigualdades, dessa máquina de produção de privilégios.

Considero pertinente a abordagem do clássico Erving Goffman (2011) no intuito de refletir sobre as redes sociais como espaços de reprodução do espelho narcísico da branquitude. Goffman instiga olhar crítico acerca de atitudes minuciosas de personagens na arena social. Intuitivamente eu visualisava pura fachada disfarçada de solidariedade e me ocorreu uma visita a Goffman quando acompanhei pelas redes sociais pessoas brancas de classe médias doando rações de marcas de baixa qualidade movidas por uma solidariedade narcísica com filtro de foto e inteligência artificial que só intenciona fazer a *self* e ganhar *likes* no *instagram*. Isso me gerava incômodo e indignação.

[...] O termo fachada pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados, mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa fez uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma. (Goffman, 2011, p.12-13)

Em meio à grande movimentação, aproveitei ao realizarem uma “parada para a janta” durante o mutirão de reconstrução das casas e distribuição de mantimentos, conversei com Caçapa (Lisandro, Professor de capoeira) que trabalhava na reconstrução das casas e Luciana Machado (Professora de Educação Infantil). Caçapa contou que, no primeiro dia, após uma breve parada a chuva voltou com força e “o pessoal não levou fé” (sic). No dia seguinte, na sexta-feira, ele desceu para ver os parentes que moram na parte mais baixa e estava “formada a correria”. Começou a ajudar o pessoal a tirar TV e as coisas de dentro de casa. Eram famílias de seus colegas de trabalho. Comentou que chegou um pessoal da geografia que demarcou a altura que seria atingida pela água. Acima de um metro e meio e ninguém acreditava. Todos apavorados pegando cachorros gatos e sem saber para onde ir.

Eles relataram que já no início da tarde a água atingiu esse um metro e meio. “Aí era só de barco”, diz Caçapa. Os barcos eram geladeiras velhas improvisadas. Colocavam primeiro as crianças e pessoas velhas, e os voluntários empurravam já com a água na altura do pescoço. Relataram que alguns ficaram dentro de casa sem acreditar. Uns voluntários jovens chegaram com pranchas de surf para ajudar. A correnteza do Arroio do Sarandi estava forte ocasionando maior dificuldade. Dentro dos barcos de geladeira as pessoas colocavam os pertences que tiveram tempo de salvar. “Aí chegou um pessoal de barco, guerreiros mesmo, todos moradores, muitos anjos apareceram”, diz Luciana. Foi quando o arroio transbordou e começou a atingir a parte mais alta, então eram gritos desesperados falando: “tudo que der vamos tirar”! Caçapa se deslocou até um barco que estava pertinho acerca de 100 m da casa desses moradores. Um casal de idosos e uma jovem com duas crianças colocaram roupas e partiram no barco para a parte mais

alta perto no Quilombo dos Machado.

A comunidade ficou de 10 a 15 dias a sem água e sem luz. Muita gente permaneceu em suas casas sem conseguir sair por medo de roubarem seus pertences. Lamentável, mas mesmo no alagamento, estavam roubando. Então para se deslocarem à noite adotaram a estratégia do uso de lanterna e do apito, “só na coragem, só na fé, por que tu não enxergava nada e com o apito para avisar que tu tava indo pra levar comida, pra levar roupa que tava dentro do barco, pra avisar que não era roubo” diz Caçapa. Essa foi a maneira de se deslocarem com segurança no escuro para circularem

levando pessoas e acessando comida e outras doações à noite no quilombo. Caçapa nunca havia comandado um barco em sua vida, no entanto, relatou que ao ver desde o início da enchente o povo “se virando com barco de geladeira”, decidiu remar no barco. “O cara faz assim e tal e no começo quase que eu virei todo mundo naquele barco. Nós tava entre 4. Na segunda saída já era eu já remava aqui assim pro outro lado pra levar mantimento”, diz Caçapa. “Quem fez o policiamento foi o tráfico. O tráfico ficava na bituca ali um de cada lado e aí tinha que avisar. A polícia nessas enchente foi o tráfico, os ladrões que estavam roubando eles que dominaram. Eles que tavam protegendo”.

Suscitou em minha memória a subversão documentada em “Todas as montanhas atlânticas estremeceram”, de Peter Linebaugh (1982) e o potencial revolucionário que os navios mercantis e os cruzamentos étnicos em regiões portuárias ocasionaram durante os séculos XVIII e XIX. A efervescência

“durante o século XVIII o expansivo crescimento da região portuária na cidade de Londres reuniu uma população diversa de ‘tradições radicais’ que questionavam todo o tipo de autoridade: da lei, do REI, das escrituras, da propriedade, do patriarcado [...]” (Linebaugh, 1982, P.15)

Havia ronda de barco e de moto por parte dos traficantes realizando a segurança da comunidade. “Nessa parte da vila a polícia não veio, quem organizou foi os guri, aquele dia, aquilo ali foi uns anjo, eles têm o meu respeito”. Diz Caçapa.

O QUILOMBO DE OURO

Em uma gélida tarde de sábado no mês de julho, mas com sol e eu me fui ao Quilombo de Ouro. Tive que ir ao Centro, passar no banco e pegar o ônibus para descer na Parada 4 da Lomba do Pinheiro. Sinto também um frio na barriga, pois seria o meu primeiro contato com esse território. Eu tinha combinado com minha colega Lizi de nos encontrarmos lá. Ela me deu dicas de como chegarmos lá, então passei no banco na Salgado Filho para pegar uma grana, peguei o ônibus Lomba do Pinheiro Viçosa e desci na Parada 4 da Lomba do Pinheiro Lizi e eu temos familiaridade com esse bairro por que já havíamos trabalhado como educadores sociais em uma instituição. Lizi falou que era a rua da Igreja Universal. Mas a rua da igreja universal não era a rua do quilombo, mas a rua que dava acesso. Então, gentilmente, uma menina que estava trabalhando numa loja, uma loja de roupas pequena/boutique me auxiliou cordialmente usando seu celular e consultando no maps certinho e me falou:

- Desce e entra na segunda rua à direita e vai descendo e pedindo informação.

Percebi que me sinto bem nesse ambiente de comunidade periférica. Churrasco nas calçadas com samba entre amigos, gurizada jogando bola na pracinha, os crentes em transe cantando e dançando um louvor psicodélico. A cada quadra uma manifestação cultural me trazia certo encantamento. Então eu passei por uma gurizada que estava naquelas proximidades, um deles havia sido meu aluno quando trabalhei como educador social em um centro social da Parada 10 da Lomba do Pinheiro. Ele me falou que está casado e com um filho. Comentou que gostava de minhas aulas e me guiou dizendo que era só ir descendo mais adiante.

Fui chegando avistei uma pracinha, um movimento de festa julina e as pessoas ali reunidas e avistei Karen, uma filha de santo de Mãe Patty ali de costas e, com certeza, algumas pessoas notaram que eu não era dali. Fiquei meio sem saber o que fazer então liguei para Lizi. Lizi não atendeu. Fiquei um tempo vendo o movimento: tinha quentão, tinha uma banca com comidinhas, amendoim, pinhão, bolo, e eu ali parado louco de frio sem saber como agir até que eu resolvi fazer alguma coisa e fui falar com a Karen. Eu cheguei saudando ela e perguntando como fazer para pegar um quentão e as coisas. Ela respondeu de boa que estava tudo ali. Eu perguntei como era se tinha que pegar ficha e já falei que queria falar

com a Mãe Patty. Que eu havia combinado com a Lizi e gostaria muito de conversar com ela, que eu estava ali fazendo o meu trabalho. Aí me levou até a Mãe Patty dizendo que ela recém tinha entrado por causa do frio e me acompanhou até dentro da casa da Mãe Patty.

Mãe Patty me recebeu super bem, de uma forma acolhedora e fraternal. Na sala, junto com a Mãe Patty estavam duas senhoras negras e mais uma menina negra.

Mãe Patty pediu que eu esperasse e ajeitou rapidamente uma cadeira branca de plástico bem próxima a um altar então eu fiquei de boa na minha acompanhando a conversa delas, falavam sobre a rede de relações delas, seu conhecidos e quando eu tive uma brecha falei a ela que havia combinado com a Lizi e, nesse mesmo momento o meu telefone vibrava no silencioso e era a Lizi ligando, mas eu não atendi. Pensei que seria arriscado atender e perder a atenção da potente interlocução que estava a nascer.

Notei que tinha alguns estudantes do Curso de Ciências sociais da UFRGS, pesquisadores, pessoal da juventude do movimento de esquerda e estão engajados ali com a Mãe Patty. Então eu fui falando com a Mãe Patty expondo meu interesse sobre a educação quilombola. Ela me falou sobre a escola Villa Lobos que é uma escola ali próxima. A interação com a escola se dá sempre em novembro quando a escola procura o quilombo. Contudo, na faculdade ela faz palestras durante o ano inteiro. Na PUC, UNISINOS e outras faculdades.

Com a escola Villa Lobos ela diz ser bem difícil alegando que a escola não valoriza nem os negros que ela forma. Isso por que os meninos negros formados pela Orquestra nunca são promovidos a maestros, nunca são efetivados a dar aula na escola. Sem perder de vista o que forma o pensamento hegemônico desde os tempos escravocratas em nosso país,

As comunidades quilombolas na luta pelos seus direitos à terra, ao território, à memória e aos conhecimentos tradicionais vivem as mais diversas situações de racismo: no cotidiano, na relação com os grandes proprietários de terra e das grandes imobiliárias e nas escolas. É importante considerar que, além das formas mais conhecidas de expressão do racismo, há o racismo ambiental. Portanto, a discriminação e o preconceito raciais são elementos que compõem as cenas e situações de violência que essas comunidades enfrentam quando lutam pelo direito ao reconhecimento e pela titulação de suas terras. Aos embates enfrentados pelos quilombolas na luta pelo reconhecimento como sujeitos e cidadãos e pelo direito à terra

e ao território somam-se olhares, perspectivas e discursos racistas. (Brasil, 2012, p.14-15)

Uma política educacional é planejada e implementada pelo governo de um país através de políticas públicas. O que venho testemunhando através do tempo, é que a implementação dessas políticas públicas, aprovadas oficialmente pelo poder legislativo federal, oscilam parcialmente de acordo com a ideologia dos representantes governamentais. Fatalmente, as inclinações racistas e descaso com a população negra escancaradas por governos da extrema direita fragilizam políticas públicas e ações afirmativas conquistadas e implementadas por governos que os antecederam. O que sucede, a meu ver, é que a luta das comunidades remanescentes de quilombos por direito à territorialidade, se expande para o campo da educação, onde o inimigo é soberano.

Todavia, no Quilombo tem um trabalho educativo em contraturno à escola onde é ensinada a história afrobrasileira, a história do território quilombo ouro, a tradição afro-gaúcha para as crianças. A tradição do Batuque, do negro no RS, as roupas usadas nos cultos do Batuque são produzidas pelo povo da comunidade e esse trabalho é ensinado na escola quilombola. Quem sabe vai ensinando as mais jovens a fazer as roupas de culto aos orixás. Os iniciantes aprendem com os jovens já formados no terreiro. Mãe Patty me mostrou um caderno com manuscritos onde está a cartilha com ensinamentos com a tradição dos orixás do Rio Grande do sul que segue a tradição da casa de religião da Mãe Patty.

Ela afirma para os jovens do terreiro que ali eles são professores das pessoas iniciantes na casa. Ela inclusive citou minha colega Lizi (doutoranda em antropologia) concursada e tal, mas que aqui ela é aprendiz e vocês são os professores, os detentores do saber, assim como a companheira da Lizi, assim como um outro líder sindical que são da casa. Enfim, eles dão o curso a essa educação.

Aproveitei a oportunidade e me ofereci para uma oficina de capoeira nesse contraturno escolar quilombola. Comi pinhão, bolo de milho e tomei quentão.

Conversamos sobre a enchente de maio de 2024. ela disse não ter sido afetada pela enchente do rio, mas fora pela chuvarada. Nesses dias nasceram muitas crianças, em meio a essa chuvarada essa enchente e o quilombo se

mobilizou para ajudar e fazer vários movimentos e nasceram muitas crianças muitos pedidos de auxílio a recém-nascidos então ela observa que Oxum estava de fato em um momento de movimentação, de axé de Oxum. “Transbordou a enchente e as crianças começaram a nascer”.

Ajudei a acender uma bela fogueira e ficamos nos aquecendo e alimentando o fogo com lenha. Conversei com um senhor mais velho que disse que nos anos anteriores a fogueira era mais alta com pneus por que era seu filho que fazia a fogueira. Depois da morte de seu filho a fogueira nunca mais foi a mesma.



Pessoal em volta da fogueira no Quilombo de Ouro
Foto: Cássio Henrique Silva da Silva

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivencio e afirmo ser muito instigante presenciar ações cotidianas de superação e reconhecimento da pluralidade perante situações de calamidade e experiências catastróficas causadas por perturbações climáticas. Por exemplo, quem vem de um cotidiano de luta por sobrevivência “debaixo do mau-tempo”, como no caso das comunidades quilombolas em questão, nos trouxeram lições de resiliência e mobilização coletiva e ancestral que reparam as agruras causadas pelo racismo institucional. Ações históricas de aquilombamento, onde a negritude consciente e engajada reafirma a conquista digna e legítima dos seus territórios e comunidades. Seguimos!

REFERÊNCIAS

Brasil. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos : 2013**. Brasília. Secretaria de Direitos Humanos, 2013.

Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (MEC/SECADI), Secretaria de Educação Básica (MEC/SEB) e Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB). **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola, 2012**

DÍAZ-BENÍTEZ, MARÍA ELVIRA . **Vidas negras: pensamento radical e pretitude. Pensamento negro radical: antologia de ensaios**. 1ed.São Paulo: Crocodilo Edições, 2021

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação : ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 28, p. 56–63, 1996

ÒYÓ, Mestre Cica de. **O batuque de nação de Òyó no Rio Grande do Sul/Mestre Cica de Òyó** - 1 ed - São Paulo: Hucitec, 2020

QUEIROZ, Vitor. **Na rua, o meio do redemoinho: das mediações de Exu no espaço público à ação político-ritual em dois cotextos afro-religiosos** In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 42(1): 127-151, 2022

VARGAS, João H. Costa. **Racismo não dá conta: antinegritude, a dinâmica ontológica e social definidora da modernidade.** In: Em Pauta. Rio de Janeiro. 2020 n. 45, v. 18, p. 16 – 26.